

As Paralimpíadas Rio-2016 nas ondas do rádio público brasileiro

Guilherme Gonçalves Longo

Como citar este texto: LONGO, Guilherme Gonçalves. As Paralimpíadas Rio-2016 nas ondas do rádio público brasileiro. *Revista Rádio-Leituras*, Mariana-MG, v. 10, n. 01, pp. 79-99, jan./jun. 2019.

As Paralimpíadas Rio-2016 nas ondas do rádio público brasileiro¹

Guilherme Gonçalves Longo²

Resumo

Este artigo analisa a cobertura das Paralimpíadas Rio-2016 pelo rádio público brasileiro, em produções da Empresa Brasil de Comunicação (EBC) e seus veículos. O corpus constitui-se dos programas Bate Bola Nacional, da Rádio Nacional e A Voz do Brasil e Resenha Paralímpica, produzidos pela EBC e retransmitidos pelo conjunto das emissoras do país. Com metodologia quali-quantitativa, o objetivo é refletir sobre essas produções quanto ao espaço, conteúdo e estratégias de edição jornalística e linguagem empregada. Profissionais da área e pesquisadores criticam como o desporto paralímpico é tratado pela imprensa. Para basear a análise, traça-se também um histórico da relação do rádio público com o esporte e as diretrizes da EBC sobre a cobertura esportiva. Como referenciais, são utilizados autores como Hilgemberg (2017), Zuculoto (2017) e Pappous e Souza (2016).

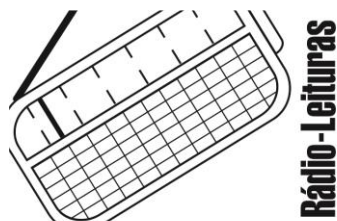
Palavras-chave: Radiojornalismo; Paralimpíadas Rio-2016; EBC

Introdução

Desde a primeira edição, em 1960, os Jogos Paralímpicos têm se consolidado como o principal evento esportivo no mundo para atletas com deficiência. Ao longo de seus quase 60 anos, as Paralimpíadas cresceram, tornando-se um megaevento esportivo, como a Copa do Mundo e as Olimpíadas. E até o momento, as Paralimpíadas

¹ Versão revista do artigo apresentado no 16º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), realizado em São Paulo, de 7 a 9 de novembro de 2018.

² Jornalista e Mestre em Jornalismo, ambos pela Universidade Federal de Santa Catarina. É membro da rede de pesquisa RadioJor, e dos grupos de pesquisa GIRAFa (Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio) e GIPTele (Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Telejornalismo), ambos certificados pelo CNPq. E-mail: guilherme.longo93@gmail.com.



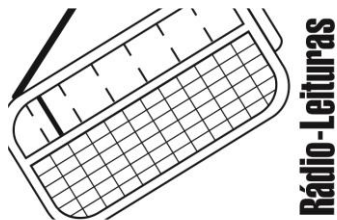
Rio-2016 se mostraram uma das mais importantes e controversas edições dos Jogos na história.

Em meio à crise econômica e política que passava o país, milhares de horas foram dedicadas à cobertura dos primeiros jogos olímpicos no Brasil e na América do Sul. Representou também um marco na cobertura esportiva nacional. Por outro lado, as Paralimpíadas receberam atenção consideravelmente menor da mídia brasileira, com pouco ou nenhum espaço dedicado ao evento em alguns dos principais veículos do país, mesmo com críticas à essa ausência nas redes sociais e tendo sido considerado um sucesso pelos atletas e a imprensa internacional. Um contraste, ao considerar a força das delegações brasileiras, que nos Jogos do Rio terminou em oitavo, com um total de 72 medalhas, o maior número já obtido pelos atletas em uma única edição.

Além do pouco espaço, profissionais da área também criticam a forma e a linguagem da cobertura dos esportes paralímpicos. Isso levou os Comitês a criarem guias de mídia sobre como cobrir esse tipo de esporte, que trazem sugestões e recomendações do que devem ser utilizados e evitados em terminologias, angulações de pautas, enquadramentos de fotos e vídeos, entre outros.

A EBC, Empresa Brasil de Comunicação, ligada ao Governo Federal e responsável pela radiodifusão pública do país, realizou ampla cobertura das Paralimpíadas em suas diversas produções e veículos, A motivação foi ancorada por dois documentos: primeiro, a Política de Esportes da EBC, fixada em 2010, que determina foco nas modalidades de menor visibilidade na imprensa. E segundo, as características da radiodifusão pública, delimitadas pela Unesco (2006), que defendem o atendimento ao interesse público, diversidade, pluralidade, entre outras questões.

Este artigo analisa a cobertura das Paralimpíadas Rio-2016 feita pela EBC em três produções: o radiojornal A Voz do Brasil, o programa Resenha Paralímpica, ambos produzidos pela EBC e veiculados em cadeia nacional, e o programa de debate esportivo Bate-Bola Nacional, com veiculação de segunda à sexta em rede nas Rádios Nacional do Rio de Janeiro, Brasília, Amazônia e Alto Solimões. Os procedimentos metodológicos são a análise quantitativa, para verificação do espaço dedicado à cobertura e a análise qualitativa, com categorias criadas com base no guia de mídia produzido para os Jogos



As Paralimpíadas Rio-2016 nas ondas do rádio público brasileiro

Guilherme Gonçalves Longo

Rio-2016 (PAPPOUS; SOUZA, 2016), para compreender o conteúdo, estratégias de edição jornalística e a linguagem empregada.

Este trabalho é parte integrante da pesquisa de mestrado desenvolvida pelo autor no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina entre 2017 e 2019, que analisou a cobertura das Paralimpíadas Rio-2016 feita por quatro veículos de comunicação brasileiros, de diferentes grupos e mídias.

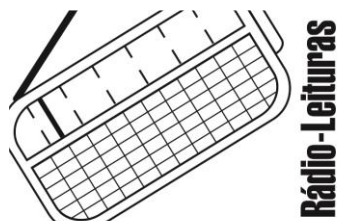
O Rádio Público e a sua relação com o Esporte no Brasil

A questão da radiodifusão pública e sua função para com a sociedade é um debate antigo, mas que na realidade brasileira ainda continua em voga. Em 2006, a Unesco divulgou um documento com indicadores que as emissoras públicas deveriam incorporar. São eles: independência editorial, universalidade, diferenciação, informação imparcial, educação ou instrução, conhecimento, coesão social, cidadania, responsabilidade e credibilidade (UNESCO, 2006).

No Brasil, o surgimento do rádio, nas décadas de 1920 e 1930 foi marcado por características similares às fixadas pela Unesco como base para a radiodifusão pública, especialmente a disseminação de cultura e conhecimento. Mas além da transmissão de programas informativos, musicais e de variedades, o esporte também esteve presente desde o início, sendo responsável por profundas modificações no modo de se fazer rádio ao longo dos anos, principalmente com a introdução de novas tecnologias.

Em 12 de setembro de 1936, durante o governo Vargas, era realizada a primeira transmissão daquela que ficou conhecida como uma das mais importantes rádios da história do Brasil. Com os acordes de Luar do Sertão, entrava no ar pela primeira vez a PRE-8, *Rádio Nacional* do Rio de Janeiro. Naquela época, era parte de um dos principais grupos de mídia da época, do jornal A Noite.

Quatro anos depois, em 1940, foi estatizada pelo governo. Mesmo se tornando um veículo de radiodifusão pública, a *Nacional* manteve sua gestão no formato



comercial. Se tornou uma referência nacional e mundial na Era de Ouro do Rádio, sendo a líder disparada de audiência, tendo em seu elenco os principais nomes da comunicação da época. A *Nacional* contava com uma programação que misturava programas de auditório, radionovelas e esporte, tendo uma grande relação com a cobertura esportiva.

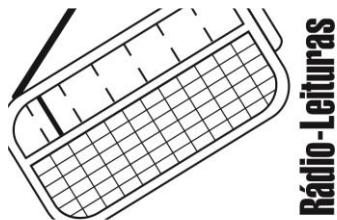
Já no seu segundo dia no ar, a emissora fez a sua primeira transmissão esportiva, com um Flamengo x Fluminense e a narração de Oduvaldo Cozzi, um dos principais nomes da casa. Na Era de Ouro, a Nacional possuía um dos mais importantes times de esporte do país, com nomes como Jorge Curi, Antônio Cordeiro, César de Alencar e Pilar Drummond, que ficaram marcados pela final da Copa de 1950, onde o Uruguai venceu a seleção brasileira em pleno Maracanã lotado.

Também durante o governo de Vargas, surgiu *A Voz do Brasil*. Inicialmente com o nome de *Programa Nacional*, tinha como intenção a integração das regiões do país. O programa foi veiculado pela primeira vez em 22 de julho de 1935, sendo responsabilidade do Departamento de Propaganda e Difusão Cultural, subordinado ao Ministério da Justiça e Relações Exteriores.

A obrigatoriedade da transmissão apareceu em 1937 ou 1938, algo que ainda não foi possível de ser determinado, segundo Silva e Zuculoto (2017), primeiramente apenas dentro do Distrito Federal e em 1939, no país inteiro. Mesmo com a queda de Getúlio, em 1945, o programa se manteve no ar e em 1946, passou a ser conhecido pelo seu nome atual, *A Voz do Brasil*.

Durante o período da ditadura, principalmente na década de 1970, *A Voz do Brasil* passou por uma reformulação onde o esporte foi incluído na pauta diária do programa. Isso foi motivado por uma pesquisa que revelou uma baixa audiência do noticiário. Assim, a cobertura esportiva ganhou espaço, principalmente durante os períodos de Copa do Mundo. O futebol também era interessante para *A Voz do Brasil* e para o governo na época porque ajudava na divulgação de valores patrióticos (MATOS, 2001, p. 39).

A partir dos anos 2000, *A Voz do Brasil* passou por duas mudanças na linha editorial. A primeira, no início do governo Lula, quando a parte referente ao Poder Executivo adquiriu enfoque jornalístico, e deixou os gabinetes para ir às ruas. As notícias



As Paralimpíadas Rio-2016 nas ondas do rádio público brasileiro

Guilherme Gonçalves Longo

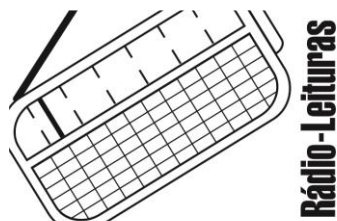
negativas também passaram a ser noticiadas. Por outro lado, durante o governo de Michel Temer, a segunda prática foi abandonada e o noticiário passou a defender os projetos do governo e blindar a imagem do presidente, criando uma certa similaridade em como *A Voz do Brasil* era produzida na época de sua criação (SILVA, 2018).

Após o final da Era de Ouro, *a Nacional* passou por problemas quanto à sua identidade e função enquanto veículo público. Durante os anos 90, mas principalmente com a presidência de Luiz Inácio Lula da Silva, a radiodifusão pública esteve mais presente na pauta do governo, principalmente a revitalização do modelo (LIEDTKE; AGUIAR, 2011). Um dos marcos da discussão foi a criação da Empresa Brasil de Comunicação, a EBC.

Em 25 de outubro de 2007 foi publicado no Diário Oficial da União o decreto 6.246/2007, oficializando o surgimento da EBC. A Empresa nasceu da união de patrimônios e pessoal da Radiobrás e dos bens públicos da União que estavam sobre a guarda da Associação de Comunicação Educativa Roquette Pinto, que coordenava a *TVE Brasil*. A empresa pública está vinculada à Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República. A EBC, segundo seu Manual, vê o Jornalismo como um “espaço público por onde são transferidas informações relevantes, com potencial para alterar a realidade, que sucedem no tempo e no espaço, objeto de interesse da coletividade e abrangidos pelos seus critérios de cobertura” (EBC, 2013, p. 21). O Manual, lançado em 2013, determina diversas prerrogativas para a prática jornalística, não apenas da Empresa, como da radiodifusão pública. Boa parte segue as características da Unesco, mas ainda acrescenta mais algumas, como o regionalismo.

Para a EBC, a cobertura jornalística de esportes se mostrou uma dúvida nos primeiros anos. Divulgar ou não divulgar? Se sim, quais modalidades? Mantém-se a predominância do futebol como na mídia tradicional ou se coloca como um diferencial? E, principalmente: qual a função social do esporte no contexto da radiodifusão pública?

Em um primeiro momento, a EBC optou pela retomada da cobertura e das transmissões esportivas em suas emissoras de rádio. Mas esse reinício não foi uma



Vol 10, Num 01

Edição Janeiro – Junho 2019

ISSN: 2179-6033

<http://www.periodicos.ufop.br/pp/index.php/radio-leituras>

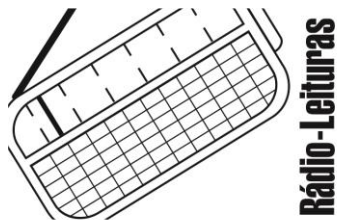
unanimidade dentro da EBC. Zuculoto (2017, p. 71) mostra uma troca de e-mails entre gestores da Empresa, onde criticam questões como o foco nos times do Rio de Janeiro, retomando prática antigas da *Rádio Nacional*:

Não acredito que haja dúvida sobre a necessidade dos veículos da EBC oferecerem informações sobre o esporte ao seu público [...] não creio que apenas a tradição histórica justifique a retomada de produções de conteúdo que não se revelam adequadas ao nosso tempo [...] vejo no documento uma contradição com uma linha editorial clara da EBC quando se defende que a transmissão dos jogos de futebol dos clubes do Rio de Janeiro é uma imposição nacional [...] a EBC nasceu justamente para romper com a tradição de concentração das informações distribuídas para todo o Brasil a partir da Avenida Paulista e do Leblon.

Isso mostra uma preocupação com as práticas da emissora, que acabavam focando em uma modalidade e privilegiando apenas um ponto de vista, o carioca, o que vai contra a ideia de divulgação de conteúdos regionais, realmente realizando uma cobertura a nível nacional.

A resposta veio em 2010, quando a diretoria da EBC encaminhou ao Conselho Curador uma proposta de política de esportes e que resultou na Resolução 03/2010, estabelecendo o diferencial da cobertura esportiva dos seus veículos. Logo na abertura do documento, a diretoria discorre sobre a função e a contribuição que o esporte pode possibilitar ao integrar a grade de programação das emissoras:

A Diretoria-Executiva avalia que a difusão de informações relativas a eventos esportivos nas diferentes modalidades, bem como a transmissão desses eventos, faz parte da missão da Empresa Brasil de Comunicação. Tal avaliação deriva da compreensão de que a prestação deste tipo de serviço contribui para a formação da cidadania, seja pela divulgação de práticas de saúde, civismo, superação das limitações, seja pelo fortalecimento da identidade cultural ou nacional, ao destacar feitos, vitórias e derrotas de equipes nacionais ou internacionais, bem de ídolos e desportistas (EBC, 2010, p. 6).



As Paralimpíadas Rio-2016 nas ondas do rádio público brasileiro

Guilherme Gonçalves Longo

No parecer produzido, anexado à Resolução, a Câmara Temática de Jornalismo e Esportes do Conselho Curador afirma que a iniciativa da diretoria executiva é bem-vinda, principalmente “por trazer o esporte, reconhecidamente uma carência, em especial na programação da televisão, à atenção do Conselho” (EBC, 2010, p. 2).

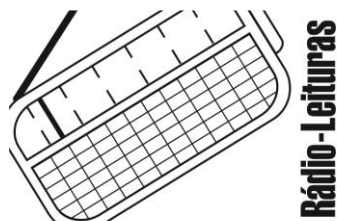
Junto ao documento, o Manual de Jornalismo da EBC (2013) traz algumas das principais características da cobertura esportiva a ser feita pelos veículos e a radiodifusão pública brasileira. A proposta principal é a de ampliação do universo esportivo, percebendo como algo além dos resultados. Ter uma abordagem econômica, pensando o esporte como visto pelas pessoas e praticado pela população. Esse último, de acordo com o Manual, deve ter um papel especial nos veículos da EBC, como o esporte amador, pensando em fatores de promoção de saúde, mobilização e inclusão.

Entre as premissas, estão o esporte para além do futebol profissional, por mais que seja o principal catalisador da população, não focando apenas no alto rendimento. Também estão a cobertura dos eventos como oportunidade de incluir informações que despertem o interesse do torcedor por ações de cidadania e o combate à vida sedentária, além de oferecer análises independentes e a inclusão de pautas sobre assuntos como a formação de atletas e a violência nos estádios.

O Manual dedica, ainda, um item específico sobre a questão do esporte adaptado: “As práticas esportivas das pessoas com deficiência devem ser cobertas pelo jornalismo da EBC em igualdade de oportunidade com as que são praticadas pelas demais pessoas” (EBC, 2013, p. 61).

Para a *Rádio Nacional*, a retomada da cobertura esportiva em sua programação foi essencial para a reconstrução da identidade da emissora, já que o esporte era algo presente desde o início.

A volta das grandes coberturas esportivas foi considerada fundamental pelos gestores da EBC para a recuperação da qualidade, popularidade e capacidade de agregar mais audiência, conferindo novamente uma identidade não apenas à Nacional como aos demais veículos da Empresa. A programação esportiva fez parte da grade da



Nacional desde sua estreia e a marcou ao longo de toda sua história (ZUCULOTO, 2017, p. 69).

As Paralimpíadas e os Jogos Rio-2016

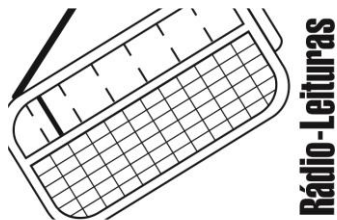
Os primeiros registros de prática esportiva por pessoas com deficiência datam do final do século XIX, em escolas especiais para alunos surdos ou cegos. Mas a gênese dos Jogos Paralímpicos está na Segunda Guerra Mundial. Foi na década de 1940 que teve início o movimento que levou à criação dos Jogos. O responsável, e idealizador do Movimento Paralímpico e das Paralimpíadas, foi Ludwig Guttmann, um médico judeu alemão, que fugiu de seu país durante a Guerra, se refugiando na Inglaterra.

Lá, foi designado para o Centro de Tratamento de Stoke Mandeville, onde ocupou o cargo de diretor. Em um local especializado na reabilitação de soldados feridos em combate, Guttmann passou a introduzir o esporte como forma de reabilitação dos combatentes, introduzindo versões adaptadas de modalidades como basquete, tiro com arco e bilhar.

Simultaneamente aos Jogos Olímpicos de Londres, em 1948, Guttmann decidiu promover um evento esportivo para as pessoas com deficiência. Era a primeira edição dos Jogos de Stoke Mandeville, que com poucos anos cresceu e se tornou um evento internacional. Em 1960, os Jogos foram realizadas pela primeira vez fora da Inglaterra. O local selecionado foi Roma, a sede das Olimpíadas daquele ano, sendo o surgimento oficial das Paralimpíadas, que passou a receber essa denominação a partir da edição seguinte, em Tóquio, em 1964.

A partir de Seul-1988, as Paralimpíadas passaram a ser realizadas na mesma sede olímpica, o que levou a um fortalecimento do evento e do Movimento Paralímpico. Essa relação permanece até hoje, tanto para os Jogos de Verão quanto para os de Inverno.

Em 02 de outubro de 2009, na cidade de Copenhague, na Dinamarca, o Rio de Janeiro foi escolhido como sede dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2016. A cidade carioca desbancou as candidaturas de Chicago, Tóquio e Madrid, pelo direito de sediar os primeiros jogos sul-americanos da história. A vitória foi vista como uma grande



As Paralimpíadas Rio-2016 nas ondas do rádio público brasileiro

Guilherme Gonçalves Longo

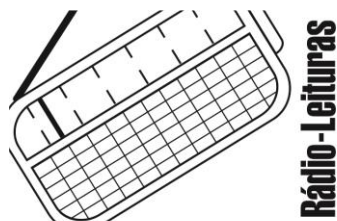
conquista do governo do então Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em sua proposta de projetar para o mundo o crescimento político, social e econômico do país, junto com a eleição para a Copa do Mundo de 2014.

Os sete anos que separaram a eleição do Rio da Cerimônia de Abertura das Olimpíadas, em 05 de agosto de 2016, foram marcados por uma mudança profunda das condições brasileiras e do apoio da população. A catarse vista na época se tornou um descontentamento com a realização da Rio-2016 devido à diversas denúncias de desvio de verbas, superfaturamento e polêmicas envolvendo a construção das arenas.

Ao longo de 2016, e durante os Jogos, o Brasil estava afundado em uma grave crise política, com o processo de *impeachment* de Dilma Rousseff, além da forte crise econômica. Diversas manifestações eram realizadas pelo país contra a realização da Rio-2016 e o clima era de desconfiança na capacidade brasileira em sediar dois dos maiores megaeventos esportivos do planeta.

As Olimpíadas foram consideradas um sucesso pela imprensa internacional e os atletas. Após o seu fim, as Paralimpíadas passaram a ser o centro das atenções e preocupações por diversos motivos. Principalmente pela pouca quantidade de ingressos vendidos até pouco mais de três semanas da Cerimônia de Abertura e a falta de verbas para a realização dos Jogos, que levou a mudanças na distribuição das modalidades pelas arenas. Mas a boa repercussão dos Jogos Olímpicos animou o público brasileiro. No final, as Paralimpíadas Rio-2016 terminaram como a de segundo maior público da história, perdendo apenas para Londres-2012.

A participação brasileira em Paralimpíadas iniciou apenas na quarta edição dos Jogos, em Heidelberg-1972. Naquela ocasião, a delegação nacional foi composta por 20 atletas, que voltaram sem medalhas. Nos jogos seguintes, em Toronto-1976, o Brasil subiu pela primeira vez no pódio. No *lawn bowls*, uma modalidade similar à bocha, só que disputada na grama, veio uma medalha de prata, iniciando uma bem-sucedida trajetória dos atletas brasileiros em Paralimpíadas.



O primeiro ouro veio apenas em 1984, nas Paralimpíadas realizadas em Nova York e Stoke Mandeville. Foi a melhor campanha brasileira até os Jogos de Atenas, em 2004. A partir dos anos 2000, o Brasil tem se colocado como uma potência paralímpica, com performances cada vez melhores nos Jogos, além de um crescente número de atletas participantes. Em Londres, o país conseguiu sua melhor colocação no quadro de medalhas, terminando em 7º com 21 ouros, 14 pratas e 8 bronzes. Mas foi em casa que conseguiu o maior número de medalhas da história.

Na Rio-2016, os atletas brasileiros subiram ao pódio 72 vezes. Foram 14 medalhas de ouro, 29 de prata e 29 de bronze entre os 278 participantes. Mas acabou em 8º no quadro de medalhas, ficando de fora do Top 5, que era almejado inicialmente pelo Comitê Paralímpico Brasileiro.

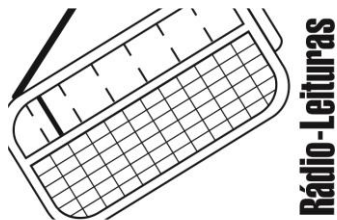
O Radiojornalismo da EBC nas Paralimpíadas Rio-2016

88

Para a análise proposta pelo artigo, o período selecionado compreende o intervalo entre 07/09/2016, data da Cerimônia de Abertura das Paralimpíadas Rio-2016 e 19/09/2016, dia seguinte à Cerimônia de Encerramento, totalizando 13 dias. Dos três programas, apenas o *Resenha Paralímpica* teve edições veiculadas aos finais de semana. Mas sua última edição foi ao ar em 18/09, dia do encerramento, totalizando 12 programas.

Tanto *A Voz do Brasil* quanto o *Bate Bola Nacional* são transmitidos apenas de segunda à sexta, mas o noticiário da EBC não é veiculado em feriados. Assim, enquanto o corpus do *Bate Bola* é composto por 9 programas, *A Voz do Brasil* possui 8. Ainda sobre *A Voz do Brasil*, foram selecionados apenas os 25 minutos iniciais, do Poder Executivo, o espaço onde são abordadas pautas como as das Paralimpíadas.

A escolha pelos programas se deu pela sua importância para a radiodifusão pública e sua relação com o esporte. Enquanto *A Voz do Brasil* é um dos programas mais antigos ainda veiculados no Brasil, o *Bate Bola* é transmitido em cadeia pelas quatro *Rádios Nacional* (Rio de Janeiro, Brasília, Amazônia e Alto Solimões) e aborda esportes



As Paralimpíadas Rio-2016 nas ondas do rádio público brasileiro

Guilherme Gonçalves Longo

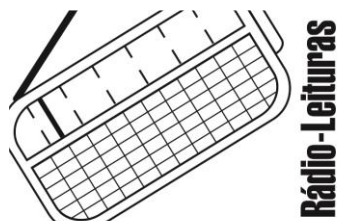
além do futebol. Já o Resenha foi uma iniciativa da EBC para os Jogos, pensando na divulgação do esporte paralímpico para os ouvintes. Ele também era transmitido em cadeia nacional, mas não obrigatória, veiculado em três horários: 07h45, 14h03 e 18h30.

Para este artigo, analisou-se o material selecionado em três perspectivas, que aqui funcionam como categorias de análise: o espaço dedicado à cobertura das Paralimpíadas Rio-2016, os conteúdos e estratégias de edição jornalística, além da linguagem empregada. Esta análise, que possui características quantitativas e qualitativas, teve como base o guia para a mídia produzido para a cobertura dos Jogos Rio-2016 (PAPPOUS; SOUZA, 2016).

O documento, escrito em português, espanhol e inglês, foi distribuído a jornalistas do mundo todo que possuíam credenciais para os Jogos do Rio. Ele contém sugestões e explicações sobre terminologias referentes à atletas e pessoas com deficiência que devem ser usadas ou evitadas, além de breves discussões sobre registros fotográficos, em um formato similar ao que é visto nos Manuais de Redação e Estilo. Este tipo de documento é utilizado por jornalistas em coberturas de eventos paralímpicos, principalmente para os que estão lidando com este tipo de esporte pela primeira vez, como mostrou Santos (2018).

As oito edições de *A Voz do Brasil* analisadas totalizaram 03 horas e 21 minutos de duração do noticiário do Poder Executivo, mantendo a média de 25 minutos por dia. Desse total, 35 minutos e 25 segundos foram dedicados aos Jogos Paralímpicos. O noticiário da EBC fez a atualização do quadro de medalhas e da performance dos brasileiros.

A parte dedicada às Paralimpíadas possuía uma estrutura, que não esteve presente em todas as edições: iniciava com uma vinheta exclusiva sobre os Jogos (“A Voz do Brasil nas Paralimpíadas”), seguido da atualização do quadro de medalhas, dando destaque para a performance dos paratletas brasileiros nas modalidades disputadas ao longo do dia. Além disso, quase todas as edições contaram também com entrevistas com medalhistas e pessoas envolvidas com o desporto paralímpico, como o chefe da



Vol 10, Num 01

Edição Janeiro – Junho 2019

ISSN: 2179-6033

<http://www.periodicos.ufop.br/pp/index.php/radio-leituras>

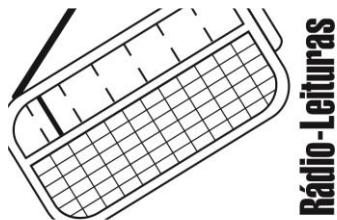
delegação brasileira, Edilson Tubiba. O quadro era finalizado com um boletim sobre os Jogos, mas que nem sempre abordavam a questão esportiva.

Entre os boletins veiculados, as pautas abordavam o legado dos Jogos, as melhorias feitas nos aeroportos do Rio de Janeiro, as operações militares realizadas durante a Rio-2016 e o Bolsa Atleta, programa do governo de incentivo aos atletas de alto rendimento. Esse foi o primeiro ponto que chamou a atenção na análise: houve um grande destaque dado às ações do Governo Federal para a realização das Olimpíadas e das Paralimpíadas.

Na reportagem sobre as melhorias nos aeroportos, por exemplo, a equipe acompanhou uma cadeirante em seu trajeto no Galeão e, a cada comentário feito por ela sobre a obra, a repórter enfatizava que o Governo havia investido milhões na reforma. Em outro caso, após um boletim sobre as medalhas conquistadas no dia pelos atletas brasileiros, na volta ao estúdio, o apresentador complementa com a frase “Ah, e todos os medalhistas têm patrocínio do Governo Federal” (A VOZ DO BRASIL, 2016).

O destaque positivo ao Governo Federal apareceu também de outro modo. Na Cerimônia de Abertura, em 07/09/2016, o então presidente Michel Temer, que no dia completava uma semana de governo após o *impeachment* de Dilma Rousseff, foi muito vaiado pelo público quando foi declarar os Jogos abertos. Na edição do dia 08, a reportagem de *A Voz do Brasil* sequer chegou a mencionar o acontecimento, falando apenas do cumprimento da agenda de Temer no feriado. Esses exemplos mostram a influência na linha editorial do programa, como afirmado por Silva (2018)

Outro boletim que chamou a atenção foi veiculado em 08/09, uma reportagem sobre turismo acessível no Rio de Janeiro, produzida pela repórter Taísa Dias. A reportagem focava nas ações do Governo, contendo inclusive uma entrevista com o Ministro Interino do Turismo Alberto Alves. Além da entrevista, foi realizado um teste de acessibilidade na Feira de São Cristóvão, importante polo da cultura nordestina no Rio. Mas em nenhum momento as pessoas com deficiência foram ouvidas para que pudessem julgar se as melhorias eram, de fato, efetivas. As sonoras exibidas eram apenas de donos de lojas da Feira, que falaram sobre como a falta de acessibilidade afastava potenciais clientes.



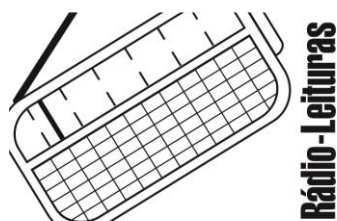
As Paralimpíadas Rio-2016 nas ondas do rádio público brasileiro

Guilherme Gonçalves Longo

O tempo dedicado à cobertura do evento em *A Voz do Brasil* foi muito desigual. Duas edições, a de 08/09 (dia seguinte à Cerimônia de Abertura) e 16/09 (última edição antes da Cerimônia de Encerramento), dedicaram mais de 10 minutos para trazer informações dos Jogos, a primeira para falar da cerimônia e boletins sobre o Bolsa Atleta e o turismo acessível. O segundo contou com reportagens sobre a aprovação do Rio pelos turistas e a expectativa de fluxo no Galeão no dia 19, além de duas entrevistas, uma ao vivo com a repórter Taísa Dias sobre a sensação de cobrir as Paralimpíadas e a outra com o judoca Willians Araújo. Por outro lado, a de 15/09 não chegou a dedicar nem um minuto para falar dos Jogos. Em 50 segundos, foram feitas atualizações no estúdio pelos próprios locutores sobre os atletas brasileiros na canoagem, hipismo e atletismo.

O *Resenha Paralímpica*, em suas 12 edições, teve uma duração total de 02 horas 01 minuto e 23 segundos, com cada programa variando entre 09 e 13 minutos. Diferente de *A Voz do Brasil*, o *Resenha* optou pela abordagem do esporte paralímpico por um viés menos factual, o que não é tão visto na imprensa, em uma cobertura muito pautada pelos resultados (LONGO, 2019). Aqui, o foco foi variado, indo desde a explicação sobre como é feita a classificação funcional dos atletas e a situação dos atletas-guia, tendo até debates importantes para as pessoas com deficiência como um todo, como o Estatuto da Pessoa com Deficiência, a acessibilidade no Rio e o legado dos Jogos.

Todas as edições tiveram o mesmo formato. Primeiro, um boletim, feito no estúdio pelos próprios apresentadores, sobre a pauta do dia, como a história das Paralimpíadas, acessibilidade e as tecnologias empregadas no esporte adaptado. Em seguida, uma entrevista que aprofundava a temática, com pessoas especializadas, como profissionais da área de saúde, membros do Comitê Paralímpico Brasileiro e da Secretaria Especial da Pessoa com Deficiência. E, para finalizar, um segundo boletim, dessa vez com um perfil de atletas-chave da delegação brasileira, como Clodoaldo Silva e Daniel Dias, da natação, Terezinha Guilhermina e Yohansson Nascimento do atletismo, Jovane Guissone, da esgrima, entre outros.



O formato do boletim era diferente do que comumente se vê. O repórter não estava presente no produto final. A história dos atletas era contada pelos próprios, ou por pessoas próximas, como pais e cônjuges.

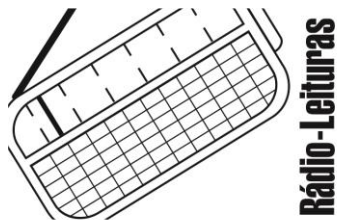
Os perfis souberam trazer um equilíbrio entre a história dos trás dos competidores e suas performances. Isso é importante, já que entre os próprios não existe um consenso sobre como eles preferem ser representados na imprensa, como apresentado por Hilgemberg (2017), através de entrevistas com paratletas de diversas modalidades. Enquanto uns preferem uma visão mais voltada para o alto rendimento, assim como atletas de outras modalidades, outros defendem que suas histórias precisam estar presentes, como forma de servir de exemplo para outros.

Para o *Resenha*, a questão das pautas relacionadas à Rio-2016 foi central, cumprindo algumas das características da radiodifusão pública fixadas pela Unesco (2006). Assim, corroboram também com pesquisadores como Schantz e Gilbert (2001), que defendem que a cobertura do esporte paralímpico deve ser similar à das demais modalidades que aparecem no noticiário esportivo. Por outro lado, por ter focado mais no conteúdo factual, *A Voz do Brasil* não cumpriu essas características do mesmo jeito.

O *Bate Bola Nacional* ia ao ar de segunda à sexta das 12h30 às 13h30 na época dos Jogos do Rio. Entre 12h30 e 13h, era transmitido apenas nas Rádios *Nacional* do Rio de Janeiro e de Brasília. As da Amazônia e Alto Solimões se juntavam à cadeia apenas na segunda metade do programa. No total, as nove edições empregadas na análise totalizaram 09 horas 03 minutos e 43 segundos de duração, enquanto as Paralimpíadas estiveram presentes em um total de 01 hora 32 minutos e 04 segundos.

A maior parte do conteúdo sobre as Paralimpíadas eram noticiadas dentro do quadro fixo “Momento Stadium”, fazendo referência ao programa da *TV Brasil* e da *Rádio Nacional* e o mais antigo ainda em veiculação na televisão brasileira na área esportiva. Em todas as edições, a repórter Astrid Nick apresentava atualizações dos brasileiros em competição, além do quadro de medalhas. Fora isso, sempre trazia notas, boletins ou entrevistas sobre outras questões referentes às Paralimpíadas.

Especialmente no primeiro programa, no dia da Cerimônia de Abertura, Astrid trouxe a maior quantidade de conteúdos não factuais ou além da área esportiva sobre



As Paralimpíadas Rio-2016 nas ondas do rádio público brasileiro

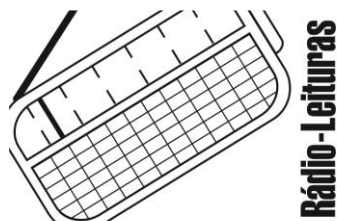
Guilherme Gonçalves Longo

as Paralimpíadas. Entre elas estava a classificação funcional dos atletas e a repercussão de uma matéria do jornal inglês *The Guardian* sobre atletas que enganavam suas condições na hora da classificação e um boletim sobre a abertura, falando sobre o propósito do evento e a implantação do serviço de audiodescrição, com a intenção de aproximar os públicos da Rio-2016.

Assim como nos demais programas de mesa redonda, o tom do *Bate Bola* é mais descontraído. E isso fica bastante perceptível nos outros dois modos utilizados pela equipe de trazer conteúdo sobre as Paralimpíadas: os comentários e as atualizações ao vivo. Um exemplo do segundo é a conquista do ouro de Silvânia Costa no salto em distância feminino T11, em 16/09; Silvânia conseguiu a medalha em seu último salto, enquanto o *Bate Bola* ainda estava no ar e o anúncio foi bastante comemorado pelos presentes na mesa, inclusive com um sonoro “é ouro!”.

Já os comentários representam um formato pouco visto na divulgação e a cobertura do esporte paralímpico. No *Bate Bola*, ele esteve presente seguindo o próprio formato do programa. As duas modalidades de futebol das Paralimpíadas, o de 5 e o de 7, representaram a maior parte dos comentários. Isso porque toda a equipe do *Bate Bola* participou das transmissões dos jogos de ambas pela *TV Brasil*. Assim, era possível perceber um domínio maior dos comentaristas, abordando com profundidade a performance das seleções brasileiras. Outros pontos abordados como tópicos para discussão em mesa foram a meta do CPB de terminar entre os cinco primeiros no quadro de medalhas, a presença do público nas arenas e o tratamento dado ao paratleta pela imprensa brasileira.

A interatividade com o público também esteve presente no *Bate Bola*. Todos os dias a equipe iniciava o programa com uma pergunta para o público, pedindo sua resposta através do *What's App* do programa. Nas nove edições, duas foram sobre as Paralimpíadas. No primeiro dia, 07/09, perguntava aos ouvintes se era possível a delegação brasileira atingir a meta do CPB de terminar os Jogos entre os 5 melhores no quadro de medalhas. E no último dia, em 19/09, pedia ao público para compartilhar



quais haviam sido os momentos mais emocionantes dos Jogos. Mas a interatividade do programa não é completamente executada. Nos nove dias analisados, poucas respostas foram lidas ao vivo.

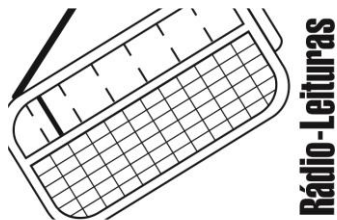
O maior problema do *Bate Bola* e a sua divulgação de informações jornalísticas sobre as Paralimpíadas tem a ver com o seu horário e modo de veiculação. Em todos os nove programas analisados, o “Momento Stadium” esteve presente apenas no primeiro bloco. Assim, os ouvintes da *Nacional Amazônia* e do Alto Solimões receberam pouquíssimo conteúdo sobre os Jogos Paralímpicos, apenas atualizações de provas que aconteciam enquanto o programa ia ao ar.

Isso vai contra as diretrizes colocada pela Política de Esportes e o Manual da EBC, já que o segundo bloco é formado pelos comentários das partidas dos times de futebol do Rio e de São Paulo. Isso é um dos principais problemas apontados por Berger (2008) sobre os problemas no crescimento do esporte adaptado. De acordo com o autor, a pouca divulgação do esporte paralímpico faz com que o público tenha pouco conhecimento sobre, o que pode dificultar a criação de interesse no esporte.

Considerações finais

Os Jogos Rio-2016 representaram um momento singular para o Jornalismo Esportivo brasileiro, principalmente com o desafio de lidar com modalidades esportivas de pouca visibilidade na mídia. E para as Paralimpíadas, isso representou um desafio ainda maior, devido ao pouco espaço dedicado à essa cobertura e a especificidades das disputas do desporto paralímpico.

Após a audição do material, foi possível perceber que houve, por parte da EBC, um trabalho de trazer o esporte paralímpico para o público. Principalmente com a ideia de ir além da cobertura factual, mais tradicional na imprensa, abordando pautas que explicassem a história e o funcionamento das Paralimpíadas para sua audiência através de boletins e entrevistas e, no caso do *Resenha*, um programa inteiro dedicado a isso.



As Paralimpíadas Rio-2016 nas ondas do rádio público brasileiro

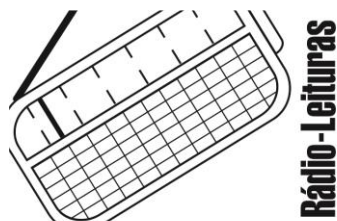
Guilherme Gonçalves Longo

Entre os três programas, o *Resenha Paralímpica* foi o que soube melhor como trabalhar a cobertura de modo que cumprissem os critérios da radiodifusão pública fixados pela Unesco (2006). Ao trazer pautas que abordassem a acessibilidade e o legado dos Jogos, além da explicação do esporte paralímpico, a EBC soube atender ao interesse de uma parcela do público impactada diretamente por essas questões. Já que, de acordo com o Censo de 2010, a parcela de pessoas com deficiência represente 23,9% da população, quase um quarto do país.

Por outro lado, *A Voz do Brasil* em especial não seguiu os critérios da Unesco e de seu Manual, ao realizar uma cobertura muito similar à da mídia comercial, que foi muito pautada pelos resultados, ao invés de ter um equilíbrio entre as diferentes pautas que envolvem os megaeventos, como as questões políticas, econômicas, sociais e até mesmo o serviço que poderia ser prestado à população.

Alguns apontamentos se destacaram negativamente. As pautas foram para além da área esportiva. A acessibilidade e o legado estiveram bastante em voga, mas o modo de abordagem da temática representou um grande problema e uma lacuna importante em alguns boletins. Ao não trazer pessoas com deficiência ou que trabalham com elas para discutir essas questões, o Jornalismo da Empresa tirou a voz de quem seria diretamente impactado pelas condições e mudanças do Rio de Janeiro e do Parque Olímpico, sejam elas positivas ou negativas.

A autopromoção do Governo Federal foi outro ponto bastante notável, especialmente em *A Voz do Brasil*. Todos os boletins e entrevistas veiculados no programa faziam menção a alguma coisa promovida, construída ou apoiada pelo Governo, como o Bolsa Atleta, as obras de acessibilidade ou o trabalho das Forças Armadas. Por outro lado, o *Resenha Paralímpica* conseguiu criar certo distanciamento, tendo até uma visão mais crítica do trabalho do Governo em algumas das pautas discutidas. Isso mostra que a visão de Silva (2018) sobre a interferência governamental na linha editorial de *A Voz do Brasil* não é necessariamente aplicada em outros programas ou ramos da EBC.



Vol 10, Num 01

Edição Janeiro – Junho 2019

ISSN: 2179-6033

<http://www.periodicos.ufop.br/pp/index.php/radio-leituras>

A linguagem empregada para se referir ao esporte paralímpico, questão-chave na promoção feita pelo Comitê Paralímpico Brasileiro, foi provavelmente o ponto mais positivo desta análise. Ao empregar os termos sugeridos pelos guias de mídia, como o da Rio-2016 (PAPPOUS; SOUZA, 2016), e dedicar tempo para explicar ao público algumas das particularidades do esporte paralímpico, como as diferentes categorias de uma mesma modalidade, as equipes de Jornalismo da EBC e da *Rádio Nacional* fizeram um serviço que segue as diretrizes do Manual de Jornalismo da Empresa.

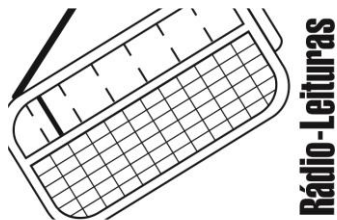
Além das entrevistas e boletins, foi interessante notar o esporte paralímpico sendo pauta de mesa redonda, algo pouco presente na mídia brasileira. O *Bate Bola* acabou trazendo um novo viés para a cobertura, principalmente por essa abordagem similar à realizada diariamente com o futebol. Mas a maior parte dos comentários acabaram, de qualquer jeito, voltados ao futebol paralímpico. Foram poucos os momentos em que a equipe abordou outras pautas.

O problema do *Bate Bola* é que esse conteúdo acabou ficando restrito a uma parcela do público, apenas os ouvintes da *Nacional* do Rio de Janeiro e de Brasília, com a questão da entrada em rede das emissoras da Amazônia e do Alto Solimões apenas na segunda metade. Isso mostra que ainda há um longo caminho a ser percorrido, não somente pela equipe do *Bate Bola*, mas pela radiodifusão pública como um todo, para atingir os parâmetros determinados pela EBC em seu Manual de Jornalismo e pela Política de Esportes.

Referências bibliográficas:

A VOZ DO BRASIL. **Edição de 12 de setembro de 2016**. Brasília: Empresa Brasil de Comunicação. Arquivo MP3 [25 minutos].

BERGER, Ronald. Disability and the dedicated Wheelchair Athlete beyond the “Supercrip” critique. *Journal of Contemporary Ethnography*, Little Rock, v. 37, n. 6, p. 647-678, 2008.



As Paralimpíadas Rio-2016 nas ondas do rádio público brasileiro

Guilherme Gonçalves Longo

EMPRESA BRASIL DE COMUNICAÇÃO. Resolução n. 03, de 22 fev. de 2010. **Dispõe sobre a Política de Esportes para a EBC**, Brasília, DF, fev., 2010.

EMPRESA BRASIL DE COMUNICAÇÃO. **Manual de Jornalismo da EBC**. Brasília, 2013.

HILGEMBERG, Tatiane. **Atleta real x Atleta de papel**. A perspectiva individual dos atletas paralímpicos e sua representação na mídia impressa. 2017. 221 p. Tese (Doutorado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

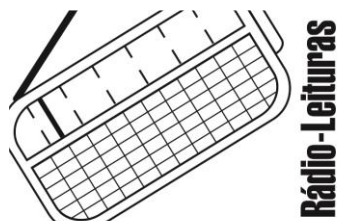
INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico 2010**: Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Rio de Janeiro, 2012.

LIEDTKE, Paulo Fernando; AGUIAR, Itamar. Políticas Públicas de Comunicação no Governo Lula (2003 – 2010): Avanços e Retrocessos rumo à Democratização do Setor. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 34, 2011, Recife, PE. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2011.

LONGO, Guilherme Gonçalves. **A Cobertura das Paralimpíadas Rio-2016 na Imprensa Brasileira**. 192 p. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

MATOS, Lidiane Leite de. **A Voz do Brasil**. Do Estado Novo ao Século XXI. 2001. 112 p. Monografia – Faculdade de Comunicação Social, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2001.

PAPPOUS, Athanasios; SOUZA, Doralice Lange de. **Guia para a Mídia**: como cobrir os Jogos Paralímpicos 2016. Kent: Kent University, 2016.



Vol 10, Num 01

Edição Janeiro – Junho 2019

ISSN: 2179-6033

<http://www.periodicos.ufop.br/pp/index.php/radio-leituras>

SANTOS, Silvan Menezes do. **O Processo de Produção de Notícias dos Jogos Paralímpicos Rio-2016: Rotinas, Critérios e Valores do Jornalismo Esportivo Paraolímpico**. 289 p. Tese (Doutorado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Setor de Ciência Biológicas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

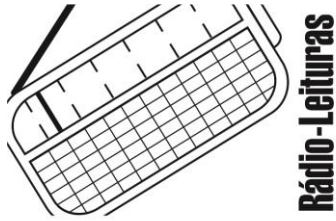
SCHANTZ, Otto; GILBERT, Keith. Na ideal misconstructured: newspaper coverage of the Atlanta Paralympic Games in France and Germany. **Sociology of Sport Journal**, n. 18, p. 64-94, 2001.

SILVA, Luciana Paula Bonetti; ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. A Voz do Brasil em sistematização de marcos e eventos históricos desde a criação do programa até os dias atuais. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 11, 2017, São Paulo, SP. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS, 2017.

SILVA, Luciana Paula Bonetti. **O Jornalismo no Programa de Rádio A Voz do Brasil em Períodos de Crise Política** – Análise de Coberturas entre 1985 e 2017. 156 p. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

UNESCO. **Radiotelevisión de servicio público: Un manual de mejores prácticas**. San Jose, Costa Rica: Oficina de la UNESCO para America Central, 2006.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. Rádio Nacional do Rio de Janeiro – de emissora comercial nacional a rádio pública local. In: DEL BIANCO, Nélia; KLÖCKNER, Luciano; FERRARETTO, Luiz Artur (orgs.). **80 Anos das Rádios Nacional e MEC do Rio de Janeiro**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2017.



As Paralimpíadas Rio-2016 nas ondas do rádio público brasileiro

Guilherme Gonçalves Longo

Abstract

This paper analyses the coverage of the Rio-2016 Paralympic Games by the Brazilian public radio, in productions of the Brazil Communication Company (EBC) and its vehicles. The corpus consists of the programs Bate Bola Nacional, from Rádio Nacional and A Voz do Brasil and Resenha Paralímpica, produced by EBC and retransmitted by the nation's radio stations. With qualitative and quantitative methodology, the objective is to reflect on these productions regarding space, content, strategies of journalistic editing and language used. Professionals and researchers criticize how Paralympic sport is treated by the press. To base the analysis, it traces a history of the relationship between public radio and sports and the EBC guidelines on sports coverage. As references, authors such as Hilgemberg (2017), Zuculoto (2017) and Pappous and Souza (2016) are used.

Keywords: Radio journalism; Rio-2016 Paralympic Games; EBC

Resumen

Este artículo analiza la cobertura de los Juegos Paralímpicos Rio-2016 por la radio pública brasileña, en producciones de la Compañía de Comunicación de Brasil (EBC) y sus vehículos. El corpus consiste en los programas Bate Bola Nacional, de Radio Nacional y A Voz do Brasil y Resenha Paralímpica, de EBC, y retransmitidos por emisoras del país. Con una metodología cualitativa y cuantitativa, el objetivo es reflexionar sobre las producciones acerca del espacio, contenido y las estrategias de edición periodística y el lenguaje utilizado. Profesionales y investigadores critican como la prensa trata el deporte paralímpico. Para basar el análisis, también rastrea una historia de la relación de la radio pública con el deporte y las pautas de EBC sobre cobertura deportiva. Como referencias, se utilizan autores como Hilgemberg (2017), Zuculoto (2017) y Pappous y Souza (2016).

Palabras Clave: Periodismo radiofónico; Paralimpíadas Rio-2016; EBC.